

## EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Yalin Brizola Yared<sup>1</sup>; Geraldo Augusto Locks<sup>2</sup>

### *SEX EDUCATION AND TRAINING OF TEACHERS OF SCIENCE AND BIOLOGY*

**Resumo:** Este trabalho é recorte da dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação: “A educação sexual na escola: tensões e prazeres na prática pedagógica de professores de Ciências e Biologia”. Por meio de entrevistas semiestructuradas audiogravadas, os dados foram obtidos com seis professoras de Ciências e Biologia de cinco escolas estaduais. Os depoimentos foram analisados qualitativamente – análise de conteúdo – e estabelecidas categorias a posteriori. Os resultados sugerem que a sexualidade ainda é apoiada nas concepções médico-higienista e moral religiosa dogmatizada; uma parcela significativa dos cursos de licenciaturas se circunscreve em paradigmas pedagógicos tecnicistas. Recomenda-se urgente avaliação dos currículos onde se inscreva uma visão antropológica do ser humano multidimensional, onde a sexualidade não poderá ser omitida/dicotomizada; além da necessidade de se implementar a educação continuada que possibilite o trabalho de uma educação sexual emancipatória onde os sujeitos possam ter a vivência de uma sexualidade mais autônoma e feliz.

**Palavras-chave:** Professores de Ciências e Biologia. Educação Sexual Emancipatória. Currículo.

**Abstract:** This work is cut out of the thesis developed in the Post-Graduate *Stricto Sensu* in Education: “Sex education in schools: tensions and pleasures in the pedagogical practice of teachers of Science and Biology”. Through semi-structured taped interviews, the data were obtained with six of Science and Biology teachers from five schools. The interviews were analyzed qualitatively – analysis of content – and established categories a posteriori. The results suggest that sexuality is still supported in the medical-hygienist conceptions and moral religious dogmatic; a significant portion of undergraduate courses is limited in pedagogical paradigms technicality. We recommend urgent evaluation of curriculum that sing an anthropological vision of the human being multidimensional, where sexuality can not be omitted/dichotomized; besides the necessity to implement continuing education that enables the work of an emancipatory sex education where people can have the experience of sexuality more independent and happy.

**Keywords:** Science and Biology Teachers. Sex education Emancipatory. Curriculum.

### Introdução

Este trabalho, gerado por um recorte de dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, procura

---

<sup>1</sup> Bióloga, Educadora Sexual, Mestre em Educação. Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas e docente do Curso de Medicina – Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). E-mail: [yalinbio@gmail.com](mailto:yalinbio@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social, docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação – Mestrado da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). E-mail: [geraldolocks@gmail.com](mailto:geraldolocks@gmail.com)

responder dois objetivos. Primeiro, trazer à luz o olhar de professoras de Ciências Biológicas que atuam em escolas da rede pública estadual de Lages/SC, acerca da compreensão do tema da sexualidade proposto no currículo escolar. Segundo, diante das tensões, dificuldades e desafios enfrentados pelas professoras na prática pedagógica, resultantes da ausência de uma formação profissional inicial e continuada sobre a educação sexual escolar, busca-se estabelecer um diálogo com alguns autores que trazem referenciais teóricos descortinadores de um mundo social escolar plural e diverso onde este profissional poderá ressignificar seu olhar e sua prática pedagógica.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a sexualidade apresenta manifestações em todas as faixas etárias e ocultá-la, ignorá-la ou reprimi-la, são as atitudes mais frequentes entre os profissionais das escolas. Muitas escolas compreendem a necessidade de se trabalhar intencionalmente o tema sexualidade em seus conteúdos formais, mas elas acabam apenas incluindo anatomia, fisiologia e reprodução humana no currículo da disciplina de Ciências Naturais e Biologia. Assim, na maioria das vezes, transportam a responsabilidade de abordar o assunto apenas para um profissional, ocorrendo em muitos casos, um enfoque somente biologizante, que não satisfaz toda a curiosidade e ansiedade de crianças, adolescentes e jovens, pois excluem dessa abordagem as dimensões afetivas, psicossociais, políticas e históricas. (PCN, 1997; SANTOS E BRUNS, 2000; FIGUEIRÓ, 2010; BONFIM, 2010)

Visando evitar este único enfoque, foi proposta nos documentos legais – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) e Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) – a educação sexual no currículo escolar como tema transversal, ou seja, que pode ser trabalhado por professores de todas as áreas do conhecimento, buscando a promoção da saúde e bem-estar de crianças, adolescentes e jovens, na vivência de sua sexualidade atual e futura. Alguns estudos continuam demonstrando que ainda o professor licenciado em Ciências Biológicas é visto como o profissional mais “indicado”, inclusive “preparado”, para tratar do tema com os estudantes, pois os resultados confirmam que normalmente é de responsabilidade do professor de Ciências ou de Biologia o desenvolvimento dos aspectos biológicos dos sujeitos, o que exclui, em muitos casos – visto a falta de formação inicial e continuada destes profissionais – os aspectos socioculturais e simbólicos imbricados no desenvolvimento da sexualidade. (SANTOS E BRUNS, 2000; BONFIM, 2010; FIGUEIRÓ, 2010)

Todavia, cabe salientar que nestes documentos – Parâmetro Curricular Nacional, 1997 e Proposta Curricular de Santa Catarina, 1998, espera-se uma determinada atitude dos/as

educadores/as, uma suposta postura diante da execução do trabalho de educação sexual a ser realizado, como por exemplo: reconhecer a busca do prazer e as curiosidades das crianças e jovens como algo natural; construir um ambiente adequado para que o estudante possa refletir e emitir críticas, valores, crenças e tabus, desenvolvendo assim, sua autonomia; não transmitir suas observações pessoais como verdades absolutas.

Contudo, ressaltar uma postura futura do educador, subentende-se que estes documentos estão ignorando esta constituição do/a educador/a em uma sociedade patriarcal repressiva que também lhe ofereça uma formação pedagógica dita assexuada. Omite-se neste processo de educar professores sobre “a relação do educador consigo mesmo, entendendo-se como corpo-sujeito-no-mundo” (MELO, 2004, p. 22 e 23), ou seja, não se trabalha como o/a educador/a percebe-se diante destas questões e se ele/ela já vivenciou alguma reflexão crítica libertadora que lhe possibilitasse a exercer sua sexualidade de forma prazerosa e emancipatória.

## **Metodologia**

Por meio de entrevistas semiestruturadas audiogravadas, os dados da pesquisa foram obtidos com 6 (seis) professoras de Ciências e Biologia de 5 (cinco) escolas estaduais. Os depoimentos das professoras foram analisados qualitativamente, na perspectiva apontada por Minayo (2010), e submetidos a uma análise de conteúdo, modalidade análise temática e estabelecidas categorias e subcategorias *a posteriori*, as quais se encontram focadas neste trabalho: a compreensão da sexualidade e a formação docente. O quadro 1 (anexo) apresenta características das professoras participantes.

Durante as entrevistas começamos a descobrir pessoas fantásticas, algumas silenciadas pela repressão sexual que vivenciaram, outras por decidirem enfrentar fervorosamente esta realidade, buscando inconscientemente suas próprias liberdades. Por esta razão, utilizamos nomes de pedras preciosas para identificar as professoras entrevistadas, pois realmente acreditamos que elas são as “joias” que brilharam ao aceitar o convite para a pesquisa, proporcionando esta reflexão e inspiração, pois sem elas, este trabalho não existiria.

## **A compreensão da sexualidade**

A história de vida que cada sujeito leva consigo inclui todas as vivências e reflexos de sua experiência bio-afetivo-sexual, particularmente a educação sexual proporcionada por sua família,

seja dialógica, repressiva ou omissa e, a instituída pela sociedade. Estas vivências estão impregnadas de valores, crenças, mitos e tabus, formando uma concepção particular a sexualidade. A partir dos dados obtidos por meio das entrevistas, pode-se notar na fala as professoras a intensa presença da concepção médico-higienista<sup>3</sup> e moral-religiosa<sup>4</sup>. Como por exemplo:

*Vamos ver... quando... ah!... falar em sexualidade, o que eu entendo: vai falar do corpo humano. Começa falando assim... Aí, o que é o corpo humano? Ah tá, então, nós temos lá os sistemas e tal... quando fala em sexualidade pra mim, não sei se é essa coisa voltada à ciência, já vem mais é... aparelho reprodutor, homem, mulher, aí a gente começa a falar de fase de namoro e tudo aquilo dando exemplos né. (Safira)*

*Olha, eu pessoal, eu pessoa... não sou muito chegada, não. Eu acho que é a pessoa mostrar o corpo, sua maneira de ser...atrair. Eu penso assim: sedução. Sexualidade pra mim é isso. E até... talvez até uma própria relação sexual. O sexo em si. Nunca gostei de falar isso para os alunos. (Rubi)*

*A sexualidade humana é tudo que faz o homem ser homem e a mulher ser mulher. A definição de caracteres, de ações, enfim, que define e especifica cada um, os dois sexos. Na ação profissional, familiar, casa, em tudo. Eu vejo assim, como uma coisa muito bonita, divina. Não consigo distanciar do divino. São dois seres que se complementam, que se completam, que estão aí com todas as armas para continuar a espécie. (Pérola)*

Estas falas, de um lado, apresentam além da visão biológica da sexualidade, o amor fraternal entre os cônjuges, descarta as discussões sobre o prazer e também cristaliza papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres – “tudo o que faz o homem ser homem e a mulher ser mulher” – estabelecendo a heteronormatividade. Inclusive demonstra a influência de valores e princípios religiosos relacionados à sexualidade, que nos casos em análise, pode-se identificar a força da tradição religiosa judaico cristã ocidental – são praticamente dogmas que continuam a operar como arquétipos religiosos-ideológicos e a orientar condutas. De outro lado, é possível enfatizar que nem todas as informantes da pesquisa de campo limitam-se à visão biologista da sexualidade quando entre elas se afirma a sexualidade como uma dimensão estruturante do “ser

---

<sup>3</sup> Reduz a sexualidade aos órgãos genitais e a um “problema” de saúde pública; a ênfase se dá na prevenção no contágio de DST/Aids; linguagem clínica utilizada, o que dificulta a compreensão da população; o sexo é classificado pelas disfunções e pelas anomalias sexuais; as práticas fora da heteronormatividade são consideradas patológicas; existe a negação do prazer pois a única função do sexo é a reprodução. (SANTA CATARINA, 1998; FIGUEIRÓ, 2006)

<sup>4</sup> Reduz a sexualidade ao sexo, vinculando-o apenas a procriação e ao matrimônio, descarta a possibilidade de se obter prazer e condena o desejo e a existência de relações sexuais fora da heteronormatividade. Preconiza um “amor fraternal” entre os cônjuges. Estabelece um viés repressor prevalecendo os valores burgueses da moral e dos bons costumes. (SANTA CATARINA, 1998; FIGUEIRÓ, 2006)

homem”, “ser mulher”. Isto permite pensar a sinalização para a possibilidade de mudança na construção de um novo discurso sobre a compreensão do significado da sexualidade. Este novo discurso, melhor dizendo, o entendimento da sexualidade numa perspectiva de concepção histórico-cultural<sup>53</sup>, relacionando a forma de estar e se sentir no mundo, estão singelamente apresentados nos trechos a seguir:

*Sexualidade, nós temos desde que nascemos né? E...muitas vezes, a gente pensa que está tratando de sexualidade só o ato sexual em si. Mas não, sexualidade é... desde o momento que você nasce, como você vive, como você se comporta na sociedade, como você está agindo né... perante as pessoas, teu modo de ser, tudo isso é sexualidade. Então, a forma de falar em sexualidade, muitas vezes ela é confundida. Que não é o caso, o ato sexual em si. Mas tudo relaciona com sexualidade. Então, essa é a visão que muitas pessoas não têm. (Diamante)*

*Ah... vamos pensar um pouco! (risos) Mas a sexualidade, eu penso assim, que seja o dia-a-dia, você está tendo sexualidade o dia-a-dia, a TV, a comunicação, a maneira como se vestir, como se portar, acho que tudo isso envolve a sexualidade. (Zircônia)*

Estas compreensões de sexualidade convergem para o conceito de sexualidade da Organização Mundial de Saúde (OMS) que interfere nas formas de ver e de agir do sujeito no mundo:

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade [...] é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico. (OMS apud EGYPTO 2003, p. 15 e 16)

Considera-se a sexualidade um fenômeno humano, pois se diferencia das demais espécies sexuadas que copulam apenas para procriar. Vilella (1999) aponta a ideia de que somente a espécie humana tem “relações sexuais” as quais significam apresentar “relações pessoais intermediadas pelo sexo, que atendem a múltiplas finalidades e sentidos, em função das circunstâncias temporais, históricas, inter e intra-subjetivas em que ocorrem”, (VILELLA 1999,

---

<sup>5</sup> Compreende a sexualidade como uma produção do contexto e das relações estabelecidas entre os sujeitos, ou seja, uma produção histórica e cultural onde está presente no sujeito desde o seu nascimento até a morte; compreende que somente o homem produz significados e conotações valorativas à sexualidade que, por sua vez, se modifica e se diversifica no tempo e no espaço. (SANTA CATARINA, 1998; FIGUEIRÓ, 2006)

p. 310). Assim, a sexualidade, como afirma Cabral (1995), encontra-se na base das expressões humanas, de modo que é possível identificar no discurso das informantes, uma visão abrangente da sexualidade, constituinte da condição humana. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o ser humano não “tem” sexualidade, ele “é” sexualidade.

Já Esmeralda, com muito bom humor, define sexualidade como algo muito complexo, inclusive sente dificuldade em verbalizar o que compreende sobre o tema:

*Sexualidade... desejo... algumas palavras assim, sei lá... desejo. E agora, você me pegou! (risos) Eu acho que é... de repente... escolhas que você faz... não só sexual... mas, sei lá... ficou bem complicado te responder. Me senti uma aluna agora! (risos) Acho que são escolhas que se faz realmente. (silêncio) E agora? Como é que vou te... (silêncio) Embora não consiga te definir o que é, mas está presente... na gente... é totalmente complexo... desejo... não só desejo sexual, sei lá... como é que eu vou te explicar... não só sexo. (Esmeralda)*

À primeira impressão poder-se-ia deduzir que a informante encontra-se desprovida de referenciais teóricos sobre a temática investigada. Contudo, a sua performance silenciosa, emocional e ansiosa pode estar demonstrando também o quanto a sexualidade é profundamente da condição humana. Por sua complexidade e enquanto um tema transversal demanda séria preparação dos profissionais da educação. Quando lhe foi perguntado o motivo pelo qual a sexualidade não seria reduzida ao sexo, respondeu:

*Não consigo te explicar. Como é difícil! (risos) Não é só sexo... a sexualidade não quer dizer só isso... gente, como é difícil! Como você me pegou! Se você tivesse me dito antes, tinha dado uma lida! (risos) (Esmeralda)*

Há dificuldade de se compreender a sexualidade como algo mediado por fatores culturais, históricos e sociais por várias professoras. De acordo com Cabral (1995), a prática docente apresenta uma inquietação e dificuldade de diálogo sobre o assunto, como também, de relacionar a sexualidade ao prazer e a uma dimensão inerente ao ser humano, pois encontra-se impregnada das concepções moral-religiosa e médico-biologista e estas excluem a importância do conhecimento sobre a formação integral do sujeito e não em oferecer uma visão globalizante da sexualidade humana.

Apoiamo-nos em Freud, citado por Merleau-Ponty (1999), que compreende o aspecto sexual não somente relacionado ao próprio genital. Nas palavras do autor:

A vida sexual não é um simples efeito de processos dos quais os órgãos genitais são o lugar, a libido não é um instinto, quer dizer, uma atividade naturalmente orientada a fins determinados, ela é o poder geral que o sujeito psicofísico tem de aderir a diferentes ambientes, de fixar-se por diferentes experiências, de adquirir estruturas de conduta. É a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história. (MERLEAU-PONTY 1999, p. 219)

Portanto, o ser humano projeta na sexualidade seu modo de ser a respeito do mundo, a respeito do tempo e também, a respeito dos outros seres. São construções existentes por meio de inter-relações estabelecidas, desta forma a sexualidade é a busca da existência. (NUNES, 2005)

A sexualidade é construída de maneira singular em cada indivíduo, onde crenças, mitos e tabus podem ter significados diversos para cada pessoa. A contribuição da Psicologia Sócio-Histórica concebe a história do ser humano “como o movimento contraditório constante do fazer humano, no qual, a partir da base material, deve ser compreendida toda produção de ideias”, (BOCK, 2001, p. 17 e 18). Portanto, o sujeito é construído a partir das suas experiências no decorrer de sua vida, da sua relação com o meio e com os outros. Por isso, a maneira como estas professoras receberam educação sexual – repressora, omissa ou dialógica – na família, na sociedade ou por outros processos sócio-culturais pode contribuir para justificar suas compreensões de sexualidade nos dias atuais.

### **Formação Docente**

A formação inicial e continuada do docente também traz muitas informações sobre a forma como estas professoras foram se constituindo sujeitos no mundo e de que forma estas contribuições influenciam nas suas compreensões sobre sexualidade. Todas as professoras participantes relataram não terem recebido formação específica para tratar o tema, embora algumas apresentem vontade e disposição de procurar o conhecimento por conta própria.

Como relatam as participantes Diamante e Esmeralda:

*Não, nenhuma. O que eu tenho a respeito do assunto é porque vou buscando. Mas, orientação assim que a entidade própria... entidade estadual, municipal... nunca. Nunca tive nenhuma orientação mesmo. (Diamante)*

*Não, não tivemos. A gente teve as práticas (estágio em sala de aula), mas nada assim, no tema... na faculdade a gente não teve nada sobre o assunto. Eu sou formada há 10 anos. Acesso assim... a não ser quando a gente procura, só. (Esmeralda)*

Em contrapartida, duas professoras, Pérola e Zircônia, relataram lembrar-se de algum momento em que participaram de formação continuada proporcionada aos professores. Porém, a professora Zircônia não conseguiu lembrar a data desta formação, inclusive, enfatizou que este encontro não foi específico para o tema da sexualidade, surgiu apenas ao abordar assuntos, como por exemplo, de Reprodução Humana e Genética. No entanto, professora Pérola relata um evento de 1987 no município de Lages, no qual se lembra da presença de uma sexóloga a qual proporcionou um breve diálogo sobre a importância da educação sexual a ser realizada nas escolas. Nas palavras da professora:

*Nós tivemos um encontro onde a gente recebeu uma sexóloga, nos dando toda uma orientação de como trabalhar na escola, do que fazer, de como fazer, inclusive ela trabalhou e passou uma parte do trabalho dela para o nosso individual, pro nosso particular. Enquanto nós, a questão sexualidade, trabalhando na gente. (Pérola)*

De acordo com Figueiró (2006), ao ingressar no curso de formação inicial, o sujeito já vem construindo seus modelos sociais, seu entendimento do que é a escola, a função do professor e do aluno, portanto, toda sua experiência de vida anterior e posterior à formação inicial influencia na formação deste profissional.

Destacamos a fala de Pérola – “para o nosso individual, para o nosso particular” – onde mostra que a atuação da sexóloga foi voltada, inclusive, para a constituição do sujeito, pois acreditamos que “para estudar a sexualidade humana, será necessário colocar nossa história também em estudo”, (CABRAL 1995, p. 14). Este ato reflexivo pode possibilitar em uma maior compreensão de que os sujeitos e a sexualidade são construídos histórico-culturalmente, o que permite “confrontar nossos medos, vergonhas, resistências e preconceitos com suas respectivas origens, bem como suas formas de repasse através dos tempos”, (idem *ibid*).

O primeiro grande passo, segundo Cabral (1995), para propor uma educação sexual sistematizada, é reconhecer-se como sujeitos sexuados e educandos e, partir para uma reeducação da sexualidade. Assim, é necessário considerar que a formação continuada precisa ser desenvolvida como um processo, proporcionando tempo suficiente para que os/as educadores/as possam refletir sobre suas práticas pedagógicas.

Em sua pesquisa, Figueiró (2006) comprovou que o desenvolvimento profissional e a prática pedagógica dos/as educadores/as melhoram a partir de oportunidades de se envolverem

em processos de formação continuada embasados em uma prática reflexiva. Cabe salientar que a autora define o conceito de formação continuada como “propostas ou ações (cursos, estudos, reflexões...) voltadas, em primeira instância, para aprimorar a prática profissional do professor”, (FIGUEIRÓ 2006, p. 91). A partir destes processos os/as educadores/as podem mostrar-se capaz de:

Conquistar, por meio desse trabalho, o crescimento da auto-imagem e da sua valorização profissional; exercer influência no meio escolar, auxiliando outros colegas de trabalho a desempenhar o papel do educador sexual e fazendo, no dia-a-dia, pequenos discursos que informam, conscientizam e envolvem outros no ensino da sexualidade. (FIGUEIRÓ 2006, p. 28)

Desta forma, é necessário que este processo entenda o/a educador/a como construtor, como sujeito de sua maneira de ser e agir profissionalmente, assim, sua experiência de vida e de trabalho constituem elementos significativos. A formação continuada deve contribuir individual e coletivamente no desenvolvimento profissional dos/as educadores/as, garantindo desta forma, uma prática sócio-transformadora e a busca de uma escola renovada. Como afirma Freud citado por Cabral (1995), a compreensão de si próprio, o autoconhecimento defendido pelo autor, contribui para uma vida melhor, mais feliz e mais saudável.

Na Proposta Curricular de Santa Catarina, se expressa a preocupação com o despreparo dos(as) educadores(as) ao tratarem o tema com a merecida importância, o que permite a possibilidade de uma “deseducação sexual”, pois existe “a incompetência técnica da maioria dos educadores para lidar com a temática”, (SANTA CATARINA 1998, p. 29).

Esta preocupação está afinada com a reflexão de Figueiró (2006), ao ressaltar que outros autores também têm inquietação quanto a possibilidade de professores/as despreparados assumirem o trabalho intencional de educação sexual na escola. A autora cita Guimarães (1995), que alerta sobre a probabilidade da educação sexual na escola ser influenciada pela nossa ampla educação repressiva, moralista, valores esses que estão ainda muito presentes nas nossas vivências e, assim, “a educação sexual apresenta um grande risco de tornar-se essencialmente repressiva se oficializada ao acaso, isto é, sem o devido planejamento e preparo dos professores”, (FIGUEIRÓ 2006, p. 58).

Contudo, agora a educação sexual está oficializada e entendemos que ao trabalhar com a educação sexual, o/a educador/a precisa estar em reflexão e ressignificação constante, de si e do mundo onde vive e, concomitantemente, tenha oportunidade de estar envolvido em cursos de formação inicial e continuada.

### **Considerações finais**

Os depoimentos das professoras informantes foram instigantes e fizeram emergir uma realidade na qual é possível detectar uma grande distância entre o que preconiza o conjunto dos marcos legais nacional e estadual e as práticas educacionais no que concerne à educação sexual escolar. As professoras informantes demonstram, de modo geral, inseguranças quanto ao trabalho intencional do tema com os estudantes, receio quanto as suas condutas e a veracidade das informações transmitidas, dificuldade em ampliar a compreensão da sexualidade humana reduzindo-a frequentemente ao biológico. Demonstraram também que sentem necessidade de cursos de formação continuada específicos na área. Este investimento no profissional pode refletir em um crescimento da sua autoimagem e contribuir para ampliar os trabalhos intencionais em educação sexual nas escolas.

A análise das entrevistas sugere que a sexualidade no ambiente escolar ainda é vista sob uma ótica extremamente biologizante, apoiada nas concepções médico-higienista e na moral religiosa, principalmente nas professoras com maior tempo de formação. Trabalhar uma educação sexual preventivista, a partir de aspectos funestos da sexualidade, descarta a possibilidade da vivência ao prazer e ignora a construção dos sujeitos dentro da dimensão biopsicossocial.

Uma parcela significativa dos cursos de licenciaturas ainda apresenta uma formação desumanizadora destes profissionais, visto que a sexualidade permanece num currículo oculto da omissão, onde os/as professores/as são expropriados do entendimento desta dimensão e alienadamente educados para uma concepção de sexualidade reducionista e superficial. Observam-se situações de professores de todas as áreas do conhecimento, inclusive das Ciências Biológicas, que justificam não conseguir trabalhar este tema transversal, mas não percebem que está se vivendo este tema, pois a vida é transversal e a sexualidade nunca esteve fora dela.

Essas professoras entrevistadas enfrentam de cabeça erguida a expropriação da sexualidade que sofreram, assumiram suas falhas, lacunas, medos e perplexidade frente à temática, pois generosamente participaram desta pesquisa sem medo de dividirem suas aparentes fraquezas que, na verdade, são sua força, pois estão com o coração aberto para a busca e para a mudança. Também apresentaram, de maneira geral, grande frustração com o sistema escolar, uma vez que afirmam que a escola está cada vez mais proporcionando uma educação bancária que garante assim, a manipulação e alienação do ser humano.

Sugere-se que seja retomada com urgência a avaliação dos currículos escolares nos quais se expresse uma educação numa perspectiva identitária e existencial. Oportunizar uma formação do profissional contemporâneo capaz de permitir-lhe a libertar-se das armadilhas da “disciplina”, transitando para a prática da filosofia da suspeita, isto é, a problematização constante, para assumir o seu e os corpos com quem se relaciona e trabalha como mediador de pessoas e da vida social, tomando-os também como objeto/sujeito de conhecimento. Praticar a filosofia da suspeita neste contexto implica em todo tempo e lugar desnaturalizar conceitos, valores, visão de mundo e condutas que mantêm olhares e práticas pedagógicas de caráter essencialistas para traduzi-las numa perspectiva existencialista, ou seja, pensadas, reconstruídas ou ressignificadas cotidianamente. É nesta perspectiva que se torna relevante trabalhar a educação sexual emancipatória visando autonomia e respeito aos direitos humanos.

Para que isso se concretize, é necessário que as Universidades, juntamente com o Estado, assumam a responsabilidade de contribuir para a formação inicial e continuada dos/as professores/as que atuam na rede pública de ensino, de forma regular e sistemática, numa tentativa de reeducar sexualmente estes profissionais. Esta é uma tarefa a que as Universidades não podem mais se esquivar.

Todos somos educadores/as sexuais, conscientes ou não disso, portanto, almeja-se a implantação de uma educação sexual emancipatória que forneça alicerces aos educandos e professores/as para vivenciarem a sexualidade de maneira positiva, autônoma, afetiva, saudável e feliz. Para isto, os profissionais da educação devem estar cientes que estão pautados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, pela Proposta Curricular de Santa Catarina, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e pela Conferência Nacional da Educação, para a realização do trabalho de educação sexual intencional nas escolas de hoje e do futuro.

## **Referências**

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. (Orgs.) **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

BONFIM, C. **Educação sexual e formação de professores**: da educação sexual que temos à educação que queremos. – João Pessoa: Editora Univsersitária da UFPB, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: orientação Sexual. Brasília: MEC. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997.

CABRAL, J. T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

EGYPTO, C. (Org.) **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. – São Paulo: Cortez, 2003.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. – Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. – 3.ed. rev. e atual. – Londrina: Eduel, 2010.

MELO, S. M. M. de. **Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. – (Coleção Dimensões da Sexualidade)

MERLEAU-PONTY, M.; MOURA, C. A. R. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª Ed. – São Paulo: Hucitec, 2010.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus. 7ª Edição, 2005.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina: Educação infantil, ensino fundamental e médio: temas multidisciplinares**. – Florianópolis: Cogen, 1998.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. de T. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica**. São Paulo: Ômega Editora, 2000.

VILELLA, W. V. Num país tropical, do sexo que se faz ao sexo do qual se fala. In: DIAS, J. (Org.). **Saúde sexual e reprodutiva no Brasil**. Hucitec: São Paulo, 1999.

Anexos

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos

<b>Participantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de formação</b>
Rubi	Fem	53	30
Pérola	Fem	49	28
Zircônia	Fem	42	22
Diamante	Fem	36	11
Safira	Fem	32	12
Esmeralda	Fem	31	10